

# Entre os apagamentos e a produção da memória no âmbito cultural

uma releitura de  
*Nota sobre o bloco mágico*

Flavia Gleich

**Resumo** A primeira parte do artigo se fundamenta nas teorizações freudianas para explicar o funcionamento da memória. Trabalharemos os textos *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, a carta 52 e *Nota sobre o bloco mágico*, de 1925. Na segunda parte do artigo discutimos os impasses inerentes da memória no âmbito cultural, absorvendo algumas das contribuições do filósofo franco-magrebino Jacques Derrida.

**Palavras-chave** memória intrapsíquica; memória cultural; psicanálise; memorial; Derrida.

**Flavia Gleich** é psicóloga, psicanalista, mestre em Ciências pela Universidade São Paulo (DIVERSITAS-FFLCH/USP) em 2022. Este artigo é derivado da dissertação de mestrado da autora.

Em *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), Freud formula a célebre frase de que as histéricas sofriam de reminiscências. Mas o que significa sofrer de reminiscências? Ao que parece, significa que o sofrimento de suas pacientes se daria de forma paradoxal: haveria, de um lado, no inconsciente, um excesso de lembrança e, de outro, um impedimento ao acesso dessa lembrança à consciência, ou seja, do ponto de vista da consciência, haveria um esquecimento.

Para sustentar essa tese seria necessário um esquema que tentasse explicar os mecanismos dinâmicos que envolvem a lembrança e o esquecimento. Desde seus primeiros escritos até o final de sua obra, ele pensou o aparelho psíquico como um aparelho de memória constituído de distintos e sucessivos registros, e aquilo que chamamos de realidade psíquica como uma construção resultante das transmissões – traduções e não traduções – entre esses sistemas, suas falhas e ruídos.

A memória é a responsável pela reconfiguração de informações passadas, sejam elas vivenciadas ou fantasiadas; mais do que isso, a partir da memória é possível construir novas representações, e isso só se estabelece devido à capacidade de reorganização das representações, das marcas que as compõem. Trabalharemos, neste artigo, com textos freudianos considerados pré-psicanalíticos – *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e *Carta 52* (1896) – que tratam da memória intrapsíquica e, ao final, estenderemos a discussão para o âmbito cultural, concentrando-nos nos impasses que colocam em convívio contínuo aquilo que se inscreve e o que não se inscreve, tal como proposto pela virada epistemológica realizada no texto *Além do princípio do prazer*, de 1920.



*o modelo de sistema nervoso proposto por Freud no “Projeto” se sustenta na capacidade de os neurônios conseguirem escoar a energia/excitação oriunda tanto do meio externo quanto interno de maneira eficaz.*

### O mecanismo e o processamento da memória

Em seu *Projeto para uma psicologia científica*, o autor propõe uma abordagem materialista, segundo a qual as células matrizes que compõem o sistema nervoso se dividem em três: *phi* ( $\Phi$ ), *psi* ( $\Psi$ ) e *ômega* ( $\omega$ ). O modelo de sistema nervoso proposto por Freud se sustenta na capacidade de os neurônios conseguirem escoar a energia/excitação oriunda tanto do meio externo quanto interno de maneira eficaz. A principal diferença entre tais sistemas é a característica de se reter ou não a quantidade (Q) que passa através dos neurônios. A retenção ou não retenção se dá pela existência ou não de barreiras de contato; a hipótese dessas barreiras de contato sugere que haveria duas classes distintas de neurônios: os permeáveis e os impermeáveis.

Os neurônios *phi* ( $\Phi$ ) pertencem à classe dos neurônios permeáveis, que não oferecem resistência ao escoamento de Q, recebem energia do mundo externo e são destinados à percepção; já os neurônios *psi* ( $\Psi$ ) são impermeáveis, o que significa que são dotados de resistência e retentivos de Q, além de receptores de estímulos endógenos. Os neurônios *psi*, ao contrário dos neurônios *phi*, ficam em um estado diferente depois que os estímulos ultrapassam a barreira de contato. Após

vencer o obstáculo imposto pela barreira, a passagem de energia deixa uma trilha, um *traço* que se tornará um caminho privilegiado para futuros fluxos de Q. Freud elaborou a noção de “facilitação” para explicar esse fenômeno. Quando há uma passagem parcial de Q pelas barreiras de contato, elas são alteradas ou marcadas. Essa alteração é fruto de uma diminuição de resistência que implica que a cada nova excitação o mesmo caminho seja percorrido. O que é nomeado por “memória neurônica” seria caracterizado pela menor ou maior facilitação apenas entre os neurônios *psi* ( $\Psi$ ). É importante termos claro que tal concepção de memória empregada por Freud não teria ainda nenhuma relação com conteúdos psicológicos propriamente ditos.

Freud postula ainda um terceiro tipo de neurônio: *ômega* ( $\omega$ ). Os outros dois sistemas se referem ao nível inconsciente de um ponto de vista econômico. O *ômega* é próprio da percepção-consciência e, diferentemente dos outros dois sistemas, tenta responder às questões ligadas à ordem da qualidade subjetiva da experiência da realidade. O fator temporal é inerente a essa classe de neurônios, eles são capazes de transmitir para o sistema *psi* períodos de excitação determinados. As vivências fundamentais, tais como a satisfação e a dor, impactam decisivamente o funcionamento da consciência.

Ao introduzir o sistema *ômega* ( $\omega$ ), Freud depara com alguns impasses que ele tenta resolver na carta 52 endereçada a Fliess, datada de 6 de dezembro de 1896. Nessa correspondência, o autor amplia a noção de memória esboçada no ano anterior ao inseri-la em um complexo sistema de retranscrições. Agora se trata de uma memória estratificada, que se dá e se processa em diversas camadas, além de se organizar através da articulação e da afetação mútua entre os três sistemas: transferindo quantidade (Q) e qualidade entre si e exercendo uma forma de excitação recíproca.

No novo esquema apresentado, verificamos um edifício mais sólido para a compreensão do aparelho psíquico, dividido em percepção-consciência, pré-consciente e inconsciente. A memória

é então tomada necessariamente como representacional, e é resultado de um campo dinâmico, composto por um material – os traços mnêmicos – extremamente maleável, que sofre diversos e constantes rearranjos.

Na carta 52, o autor teoriza os mecanismos psíquicos como diversas modalidades de registros mnêmicos, que partem da percepção em direção à representação-palavra; é aqui também que Freud aborda a questão da sexualidade (como evento externo que acomete o sujeito e não como condição constitutiva) ligada aos aspectos prazerosos e desprazerosos relativos às lembranças, passíveis ou não de acessarem o sistema consciência. Os registros também representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida, o que indica a questão de uma temporalidade psíquica.

No esquema apresentado por Freud, teríamos:

Em primeiro lugar, as percepções, W (*Wahrnehmungen*), ou P, que correspondem aos neurônios em que se originam as percepções, ligadas à consciência e que não conservam traço mnêmico algum do acontecido, pois consciência e memória são mutuamente excludentes; wz (*Wahrnehmungszeichen*), ou Ps., os primeiros registros psíquicos, seriam as impressões ou os *signos* de percepção, as indicações de percepção que constituem a *primeira inscrição* do ocorrido e associam-se por simultaneidade, mas não podem alcançar por si mesmas a consciência; a segunda forma de *transcrição* ou registro, a inconsciência, UB (*Unbewusstsein*), ou Ics., ordena tais signos segundo outras relações, talvez causais, constituindo *traços*, lembranças conceituais que também não têm acesso à consciência; a pré-consciência (*Vorbewusstsein*), ou Pcs., constitui a terceira transcrição, relacionada às representações verbais que correspondem ao Eu oficial, e é o que torna o acesso ao consciente possível, de acordo com certas regras. A partir daqui, pode-se produzir uma consciência do pensar, secundária, como efeito posterior (*Nachtraglich*) na ordem do tempo<sup>1</sup>.

1 S. Freud, “Periodicidade e autoanálise (carta 52)”, in: J.M. Masson, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904*.

essa espécie de desgaste  
de excitação, operada  
pela transcrição, acarreta  
um apagamento paulatino dos  
traços, e é o que configura  
uma defesa normal para  
transcrições da mesma  
espécie e do mesmo  
período psíquico.

A memória, portanto, está na ordem da substituição, é fruto de sucessivos processos de tradução, o que indica que ela guarda pouco da percepção e do evento original.

O autor pontua que o processo de transcrições e retranscrições atende a aspectos econômicos do psiquismo, sendo que cada transcrição corresponde a uma inibição da anterior e a uma retirada da carga de excitação. Além disso, cada fase está separada no tempo, ou melhor, há um intervalo de tempo necessário para que uma operação seja sucedida por outra. Essa espécie de desgaste de excitação, operada pela transcrição, acarreta um apagamento paulatino dos traços, e é o que configura uma defesa normal para transcrições da mesma espécie e do mesmo período psíquico. Quando se verifica a ocorrência de determinado evento que produz uma certa quantidade de desprazer, seu registro mnêmico tem meios de inibi-lo, uma vez que a lembrança é reativada. Já a defesa patológica é ativada contra traços mnêmicos de uma fase anterior que ainda não tenham sido traduzidos. São os casos relativos a eventos de ordem sexual, provocados por agentes externos, em tempos remotos. A evocação da lembrança, nessa concepção, traria a mesma quantidade de desprazer de quando houve o evento; a lembrança, nesse caso, tem a mesma força de um evento atual.





*não haveria tradução possível até o sistema Pcs., ou seja, uma lembrança ligada às representações-palavra, nem para aquilo que se torna compulsório e tampouco para aquilo que sofre o recalque e se torna esquecimento.*

A retranscrição, assim, não se produz devido à emergência de desprazer, culminando em recalque e fixação. Notamos a indicação bastante importante de Freud, ao afirmar que as experiências sexuais também liberam prazer e não apenas desprazer. Essa cota de prazer “não inibível”, ou seja, realizada, vem acompanhada por aquilo que Freud nomeia por *compulsão*. Nas palavras do autor:

Nem todas as experiências sexuais liberam desprazer; a maioria delas libera prazer. Assim, a reprodução da maioria delas está ligada a um prazer impossível de inibir. Esse tipo de prazer não inibível constitui uma compulsão. Portanto, somos levados às seguintes teses: quando uma experiência sexual é recordada numa fase diferente, a descarga de prazer é acompanhada pela compulsão, e a descarga de desprazer, pelo recalque. Em ambos os casos, a tradução para as indicações da nova fase parece ser inibida (?)<sup>2</sup>.

É importante observar que já em 1896 Freud insere o termo “compulsão”, que virá a se tornar um conceito com uma roupagem diferente muitos anos depois em “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914<sup>3</sup>. Não haveria tradução possível até o sistema Pcs., ou seja, uma lembrança ligada às representações-palavra, nem para aquilo que se torna compulsório e tampouco para aquilo que sofre o recalque e se torna esquecimento para a

consciência: em ambos os casos trata-se de uma memória inconsciente e inacessível.

Antes falando sobre a memória e seus impeditivos, relativos aos processos de esquecimento e operados pelo recalque, agora o psicanalista marca a compulsão como mais uma modalidade da memória, também associada a um caminho que dificulta o acesso à consciência. No texto de 1914 ele chega a dizer: “É lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz”<sup>4</sup>. Repetir em ato, na transferência, algo que parece impossível de se dizer. “Enquanto ele permanecer em tratamento, não se livrará desta compulsão à repetição; por fim compreendemos que este é seu modo de recordar”<sup>5</sup>. Tratamos na clínica psicanalítica não exatamente do passado, mas justamente daquilo que fracassou em passar e, fundamentalmente, daquilo que resistimos em saber que deixou de passar.

Uma das tarefas cruciais da clínica psicanalítica será a de tramitar por esse esquecimento malffeito, digamos, que insiste em existir e segue impingindo dor ao sujeito, e trabalhar até que seja esquecido verdadeiramente, narrado e historicizado. Que faça o passado de fato passar. Em 1920 Freud dará novas cores para essa força que ele nomeará de compulsão à repetição, dando-lhe o devido destaque para o que era observado na clínica e também nos fenômenos culturais da época. Uma força, diz ele, que tende a levar a tensão ao estado inorgânico, indo contra o registro do simbólico e das ligações e inscrições. Trata-se de uma força mortífera que insiste radicalmente para promover não apenas esquecimentos, mas, sobretudo, apagamentos. Apagamentos de rastros e de sinais que não deixam vestígio consciente algum. Entramos então em uma zona metapsicológica ainda mais complexa na qual se fundamenta uma memória que não teria como ser esquecida, já que nunca foi lembrada, e não teria como ser lembrada, já que não esteve inserida em uma cadeia representacional. Como pensar a memória, então, fora do escopo representacional?

A reformulação sobre o funcionamento do aparelho psíquico com suas possibilidades e impossibilidades de inscrições, traduções e marcações, tal qual um texto, ganhará uma nova expressão em seu ensaio de 1925, *Nota sobre o bloco mágico*. É isso que veremos a seguir, lendo esse artigo com algumas das indicações do filósofo franco-argelino Jacques Derrida – leitor crítico da obra freudiana e que a alimentou substancialmente.

### Bloco mágico e a escritura da memória: contribuições de Jacques Derrida

Antes de entrarmos no texto freudiano, vejamos brevemente como Derrida articula algumas das noções ali presentes. Em seu texto capital “Freud e a cena da escritura” (1967), o autor admite que Freud, na esteira de uma determinada tradição filosófica, constrói múltiplas metáforas para ilustrar as relações entre razão, experiência, percepção e memória. Imagens gráficas já haviam sido utilizadas desde Platão e Aristóteles para tentar ilustrar essas mesmas questões; o que o criador da psicanálise introduz, contudo, é “um novo tipo de questão sobre a metaforicidade, a escritura e o espaçamento em geral [...]. A estrutura do aparelho psíquico será representada por uma máquina escrita”<sup>6</sup>. Máquina de escrita essa que desde a carta 52 estava já colocada para Freud, com seus determinantes de “traço”. No entanto, lá se tratava de explicar a memória tendo como base as ciências naturais, ficando sua argumentação ainda sobre o léxico neurológico, fisiológico e positivista. Trinta anos mais tarde, contudo, em *Nota sobre o bloco mágico*, Freud resolve certos problemas contidos no texto anterior e oferece um aparelho complexo que dá conta “da permanência do

com o tempo,  
as marcas vão se  
acumulando, transformando-se  
em traços incompreensíveis  
e interferindo na superfície  
de contato das folhas.

traço e da virgindade da substância e recepção, da incisão dos sulcos e da nudez sempre intacta da superfície receptiva ou perceptiva”<sup>7</sup>.

É no brinquedo do bloco mágico que Freud rearticula a noção de aparelho psíquico incorporando, fundamentalmente, sua segunda teoria pulsional. Trata-se de um pequeno brinquedo composto de um bloco de resina e duas folhas, uma de celuloide transparente e outra de papel encerado translúcido. Ao escrever no papel, a resina marca as duas folhas, permitindo a constituição de uma escrita. A segunda folha, aquela que realmente recebe as impressões, serve como proteção para a primeira. Se esta estivesse diretamente em contato com o bloco de resina, rasgaria facilmente. Ao retirá-las do contato com o bloco, as folhas voltam a ficar vazias, enquanto todas as marcas passam para a resina. Com o tempo, as marcas vão se acumulando, transformando-se em traços incompreensíveis e interferindo na superfície de contato das folhas. Freud encontra aí uma metáfora para pensar a articulação entre receptividade ilimitada da percepção e a conservação de traços duráveis pela memória. O brinquedo ainda serve para figurar o processo de “suspensão do contato” entre consciência e inconsciente através da separação periódica entre as folhas e o bloco.

É notório que tanto a carta 52, quanto a própria *A interpretação dos sonhos* são obras que

2 S. Freud, *op. cit.*, p. 210.

3 S. Freud, “Recordar, repetir e elaborar”, in: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia (“o caso Schreber”)*, artigos sobre técnica e outros textos.

4 S. Freud, *op. cit.*, p. 199-200.

5 S. Freud, *op. cit.*, p. 201.

6 J. Derrida, “Freud e a cena da escritura”, in: *A escritura e a diferença*, p. 293.

7 J. Derrida, *op. cit.*, p. 295.



*insistindo no caráter  
protetor da folha de celuloide,  
sem a qual a folha de cera seria  
rasgada ou perfurada,  
o autor retoma nesse ponto  
o que já havia dito em Além  
do princípio do prazer.*

formalizam um constructo teórico capaz de supor o aparelho psíquico tanto como uma concepção de texto (leitura e decifração singular) quanto como uma máquina da escritura. Como o próprio Freud afirmou, os sonhos, construídos como uma escrita, submetidos aos mecanismos de condensação e deslocamento, se assemelham aos hieróglifos. Para Derrida, no material onírico, “trata-se de manipular elementos contidos no tesouro hieróglifo, um pouco como uma palavra escrita se iria inspirar em uma língua escrita”<sup>8</sup>. Todavia, ele destaca algo importante a respeito da singularidade do texto onírico, considerando que, se o sonhador escreve um texto, é porque ele inventa sua própria gramática, seu léxico e sua sintaxe. Não há material significante ou texto prévio, nem mesmo código anterior à própria produção textual onírica. O texto consciente também não está submetido a uma tradução e nem é transcrição de um material inconsciente. Não há portanto qualquer indicador material de uma suposta origem.

Não existe texto escrito e presente noutro lugar que desse ocasião, sem ser por ele modificado, a um trabalho e a uma temporalização (pertencendo esta, se seguirmos a literalidade freudiana, à consciência) que lhe sejam exteriores e flutuariam na sua superfície. Não existe texto presente em geral nem mesmo há texto presente-passado, texto passado como tendo sido presente. [...] O texto inconsciente

já está tecido de traços puros, de diferenças em que se unem o sentido e a força, texto em parte alguma presente, constituído por arquivos que são *sempre* já inscrições<sup>9</sup>.

Sendo assim, se não há texto presente em outro lugar, é porque a memória é uma contínua e incessante interpretação de marcações psíquicas, de “traços puros” conforme nos diz o autor. As lembranças não são imutáveis, mas são reconstituições operadas sobre o passado e em constante remanejamento. O que temos é, assim, um sistema dinâmico que, a partir do presente, integra traços mnêmicos em relações que se constituem *a posteriori*.

No texto de 1925 Freud faz uma ressalva ao dizer que esse brinquedo nomeado como bloco mágico “promete ser mais eficaz do que a folha de papel e a ardósia [...]. Sua aparência é modesta mas, se olharmos mais de perto, descobriremos na sua construção uma notável analogia com o que supus ser a estrutura do nosso aparelho de percepção”<sup>10</sup>. Ele oferece duas vantagens: “uma superfície de recepção sempre disponível e marcas duradouras das inscrições recebidas”<sup>11</sup>.

Insistindo no caráter protetor da folha de celuloide, sem a qual a folha de cera seria rasgada ou perfurada, o autor retoma nesse ponto o que já havia dito em *Além do princípio do prazer* ao desenvolver a ideia de que o aparelho perceptivo consistiria em duas camadas: uma proteção externa contra estímulos, com a função de diminuir a magnitude das excitações que chegam, e a superfície receptora de estímulos por trás dela, o sistema Pcp-Cs. Levantando-se da tábua de cera a folha da cobertura – celuloide e papel encerado – a escrita desaparece, torna-se invisível. A tábua de cera, todavia, conserva esse traço já desaparecido. A respeito desse desaparecimento/conservação do traço, Derrida afirma: “A escrita substitui a percepção antes mesmo desta aparecer a si própria. A ‘memória’ ou a escrita são a abertura desse próprio aparecer. O ‘percebido’ só se dá a ler no passado, abaixo da percepção e depois dela”<sup>12</sup>. Exaltando o caráter paradoxal desse dispositivo, bem como do próprio aparelho psíquico, que marca e desmarca inscrições, configurando-se

como um texto visível e invisível, legível e ilegível ao mesmo tempo, o autor dirá que

os traços não produzem portanto o espaço da sua inscrição senão dando-se o período de sua desapareição. Desde a origem, no “presente” da sua primeira impressão, são constituídos pela dupla força de repetição e de desapareição, de legibilidade e de ilegibilidade<sup>8</sup>.

Esse “período de desapareição” é o que resulta do mecanismo de defesa do recalque. A escritura seria, dessa forma, impensável sem o recalque. Ela precisa se deixar invisível para poder ressurgir posteriormente – e em outro lugar.

Muitos anos depois, no texto *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* [1995]/(2001), Derrida avança em suas considerações, chegando a afirmar que a metáfora erguida pelo bloco mágico representa não a memória, mas o arquivo<sup>14</sup>, conferindo ao psiquismo uma qualidade de escrita mnêmica mas, sobretudo, hipomnêmica. Esse brinquedo, com a sistematização de seu funcionamento e concretude, confere o apoio externo como inerente e atrelado à constituição do arquivo. Uma concepção de arquivo nova, permeada e sustentada por contradições e paradoxos é aqui formulada pelo autor:

O arquivo como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnêmica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável *passado*, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que sem o arquivo acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria

8 J. Derrida, *op. cit.*, p. 306.

9 J. Derrida, *op. cit.*, p. 311. Itálico do autor.

10 S. Freud, “Nota sobre o ‘bloco mágico’”, in: *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos*, p. 270.

11 S. Freud, *op. cit.*, p. 270.

12 J. Derrida, *op. cit.*, p. 329.

13 J. Derrida, *op. cit.*, p. 331.

14 A palavra “arquivo” vem do termo *arché*, que significa “início”, “origem” e “autoridade”. O que condiciona a existência de um arquivo são sistemas de registros de armazenamento externo. O mais importante para sua existência é a técnica da escrita, que tornou a memória fixa e independente dos portadores vivos. Derrida enxerga o arquivo como uma categoria política: para ele não há poder político sem o controle sobre os arquivos, sem o controle sobre a memória.

15 J. Derrida, *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, p. 29. Itálicos do autor.

»  
a exterioridade é  
fundamental à constituição  
do arquivo, que arquiva  
ao mesmo tempo que  
produz o evento arquivável.  
O arquivamento aponta,  
portanto, para o passado,  
bem como para o  
presente e o futuro.

acontecido. Não, a estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina também a estrutura do arquivo *arquivável* em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento<sup>15</sup>.

A exterioridade é fundamental à constituição do arquivo, que arquiva ao mesmo tempo que produz o evento arquivável. O arquivamento aponta, portanto, para o passado, bem como para o presente e o futuro, em um encadeamento e uma produção incessante, bastante dinâmica. Ao pensar o arquivo derridiano, estamos atrelando a ele a ideia de abertura e do porvir. Em outras palavras: arquivo, nesta chave de leitura, não armazena memória, mas ele se destina a oferecer a possibilidade de criação da memória. A sua função premente é a de prevenir a amnésia.

A pergunta que Derrida se coloca não estará restrita a *como* se arquiva determinado evento – considerando a existência de modos diversos de arquivamento – mas se refere à qualidade dos fatores externos que participam desse processo de arquivamento. É o que veremos a seguir.

## Os impasses da memória no âmbito social

Até aqui viemos discutindo, prioritariamente, algumas considerações acerca da qualidade intrapsíquica dos processos de memória. Entendemos,



*as categorias do “lembrar”  
são múltiplas e complexas  
na medida em que evidenciam  
os aspectos plurais daquilo  
que se configura como memória.  
Para Freud, uma dessas  
complexidades se apresenta  
na formação dos sintomas.*

contudo, que o alcance da teoria psicanalítica não se restringe ao âmbito apenas individual, muito pelo contrário. A psicanálise, desde seu nascimento, contempla os determinantes inconscientes singulares que se entrecem no laço social e dele participam, no meio cultural e compartilhado. Nessa última seção caminhamos nessa direção e nos perguntamos sobre os impasses em torno dos quais as memórias culturais conseguem ou não se materializar – estamos pensando, sobretudo, no contexto brasileiro. Levando em consideração as ideias de Derrida, como pensar o paradoxo inerente ao arquivo, quando as inscrições da memória cultural se tornam impedidas, até mesmo impossíveis de serem realizadas?

Monumentos, memoriais, bem como inúmeros outros locais de memória institucional que ocupam o espaço público, imbuídos de história, demonstram essa exterioridade indispensável à existência do arquivo, tal como formulado por Derrida.

Uma ressalva importante é apontada pelo psicanalista Paulo Endo<sup>16</sup>, quando afirma que as questões relativas à memória cultural compõem um problema ético não apenas pela discussão sobre os registros do que deve e pode ser lembrado e esquecido, mas sobretudo sobre aquilo que jamais será esquecido porque nunca foi lembrado. Essas questões “ficam como que de fora das questões

da memória, não se assuntam, não se pode perscrutá-los”<sup>17</sup>. Justamente, a grande contribuição da psicanálise aos estudos da memória política e cultural se verifica à medida que define o inconsciente como um “lugar (topos) ou um lugar terceiro (in between), estrangeiro, excluído (a-topos) do ponto de vista da razão, da consciência e da memória evocativa”<sup>18</sup>. Isso porque Freud, em seu pensamento, produz fendas, buracos e solavancos que vão além e ficam aquém das dinâmicas entre o lembrar e o esquecer, incluindo nesses processos as dinâmicas inconscientes que os determinam. Inerente à categoria paradoxal da memória, o autor indica os desafios que a clínica psicanalítica tomará para si, continuamente, desde Freud até os dias de hoje.

Podemos dizer genericamente que, para a psicanálise desde Freud, interessam as dinâmicas do *des-lembrar* (o percebido consciente que foi esquecido); do *mal-lembrar* (do que não pode ser inteiramente lembrado a não ser pela via de sinais, indícios e pistas: os sintomas); do *lembrar-encobrendo* (daquilo que se lembra precisamente para que não seja possível a lembrança, tornada difícil e dolorosa).<sup>19</sup>

Como notamos, as categorias do “lembrar” são múltiplas e complexas na medida em que evidenciam os aspectos plurais daquilo que se configura como memória. Para o autor, uma dessas complexidades se apresenta na formação dos sintomas, já que são a demonstração de um “lugar terceiro da memória, um lugar outro, que se instala fora das dinâmicas inerentes ao lembrar e ao esquecer”<sup>20</sup>. São marcadamente repetitivos e sem chance de trabalho psíquico a realizar, produzindo efeitos que condenam o sujeito ao não esquecimento e, ao mesmo tempo, o impedem de lembrar: “o sintoma exhibe, portanto, o desejo convertido em limbo”<sup>21</sup>. O desejo, apartado da consciência via recalque, se mostra um repetido incessante que não se aloja em lugar algum. Será precisamente nesse sem lugar que a escuta analítica deverá se instalar – para que histórias tenham a chance de serem construídas. A clínica,



nesse sentido, estará imbuída de perscrutar e interpelar o sintoma para dele poder ter a chance de advir o desejo.

Sabemos, a partir das noções trazidas por Freud, que o recalque é um mecanismo psíquico defensivo que opera na intenção de impedir a vinda das representações inconscientes à luz da consciência, mas ele também catapulta aquilo que insiste em reaparecer e se mostrar no sujeito. Nessa medida, o recalque também serve de condição para que uma memória possa se fazer a partir da produção de restos, reatualizações cifradas, enigmas que pedirão sua decifragem, dando a oportunidade de alargamento do campo simbólico.

A partir de 1920, contudo, o psicanalista esteve às voltas com os processos disruptivos de grandes magnitudes e com as questões relativas ao *além* do princípio do prazer, seus devires e seus impeditivos representacionais. Entre os sintomas que insistiam em se reapresentar em seu consultório e a guerra que havia se avizinhado, Freud buscou novos instrumentos teóricos para a decifração dos fenômenos que o rodeavam. Ele fundamentaria aí a sua teoria do psíquico atravessada e sustentada por impasses que colocam em convívio contínuo aquilo que se inscreve e o que não se inscreve, fazendo-se repetir de maneira incessante. Insistimos com a pergunta: como fazer lembrar e tentar inscrever algo que está excluído do campo representacional? Paulo Endo indica a complexidade dessa questão no âmbito cultural.

Populações inteiras extintas que jamais serão encontradas; pessoas e vidas indigentes e não identificadas que pereceram em porões jamais alcançados pelas pesquisas e pelas mídias; outros que sumiram em prisões e valas

16 P. Endo, "Freud, o inconsciente, a des-memória, a in-memória e os paradoxos do esquecimento, do sonho e do real de Auschwitz". *Percurso*, vol. XXX, n. 60.

17 P. Endo, *op. cit.*, p. 77.

18 P. Endo, *op. cit.*, p. 78.

19 P. Endo, *op. cit.*, p. 79. Itálicos nossos.

20 P. Endo, *op. cit.*, p. 79.

21 P. Endo, *op. cit.*, p. 80.

22 P. Endo, *op. cit.*, p. 77.

»  
*a partir de 1920, contudo,  
o psicanalista esteve às voltas  
com os processos disruptivos  
de grandes magnitudes  
e com as questões relativas  
ao além do princípio do prazer,  
seus devires e seus impeditivos  
representacionais.*

comuns são, quando muito, representados por flâmulas genéricas de tais massacres, assassinatos e extermínios que, por sua vez, não poderão repor os traços da existência singular dos que desapareceram completamente nesses processos de erradicação.<sup>22</sup>

Para de alguma forma reconhecer a violência a que foram impingidos, erguem-se memoriais ou monumentos, ou rituais fúnebres endereçados a essas vítimas; contudo, tais gestos tratam de um impossível, que seria a restituição singular, única, de cada um daqueles que tiveram suas vidas e histórias perdidas e apagadas. Esses não estão mais vivos para contar o que lhes sucedeu – ou frequentemente não têm escuta e visibilidade para terem suas histórias contadas. Endo aponta para um sentido problemático da memória a ser interpelado com cuidado quando, e principalmente, há a deflagração do uso massivo da violência e da força bruta. Marcados por excessos, apagamentos, silenciamentos, destruições, tais eventos históricos promovem grande destrutividade simbólica, o que nos convoca e mobiliza a pensar como nos posicionaremos e qual destino daremos àquilo que desapareceu sem deixar pegadas ou rastros.

Essa discussão é extremamente importante quando contextualizada em nossas bordas brasileiras. Em um país tingido por sucessivas violências e massacres que vitimizam uma parcela



*o espaço público, em qualquer lugar que seja, está amplamente marcado pelas disputas por visibilidades e narratividades de acontecimentos violentos do passado social. Os locais de memória, portanto, abarcam aquilo que se faz visível e legível.*

bastante expressiva e específica de sua população, e cuja memória social é caracterizada por imensas lacunas e apagamentos, devemos insistir para fazer valer uma ética cultural da memória. Os acontecimentos traumáticos nacionais seguem sendo produzidos impingindo dor sem qualquer constrangimento e pontos de barragem e, mesmo *a posteriori*, têm muita dificuldade em ganhar materialidade e alguma forma de inteligibilidade no espaço público.

O espaço público, em qualquer lugar que seja, está amplamente marcado pelas disputas por visibilidades e narratividades de acontecimentos violentos do passado social. Os locais de memória, portanto, abarcam aquilo que se faz visível e legível mas, sobretudo, trazem em sua materialidade aquilo que também está invisível e ilegível – e, justamente por contemplarem essas dimensões, trazem para a cena pública uma importante dimensão de perturbação e de estranhamento.

São essas questões que nos incitam a seguir com certas perguntas em torno das consequências de uma falta de suporte mínimo para que algo possa se registrar e se inscrever no espaço cultural. Acreditamos que aquilo que fica totalmente desprovido de discurso e de visibilidade sai do campo do saber e desaparece da história, tornando-se imperscrutável.

Voltemos mais uma vez às considerações de Derrida para avançar nessas questões. *Arquiviolítica* é a renomeação à pulsão de morte, realizada pelo filósofo francês. Essa força que tende a complexificar ainda mais as noções sobre a memória: na mesma medida em que resistem às forças do tempo, permanecendo sempre presentes, as marcações psíquicas também sofrem e estão submetidas a um complexo jogo de forças que visam ao seu apagamento.

É como se Freud não conseguisse mais resistir à perversidade irreduzível desta pulsão que ele nomeia pulsão de morte ou pulsão de agressão ou pulsão de destruição, como se estas três palavras fossem nesse caso, sinônimas. Mais tarde Freud dirá que essa pulsão com três nomes é muda. Ela trabalha, mas, uma vez que trabalha sempre em silêncio, não deixa nenhum arquivo que lhe seja próprio. Ela destrói seu próprio arquivo antecipadamente, como se ali estivesse, na verdade, a motivação mesma de seu movimento mais característico. Ela trabalha para destruir o arquivo: com a condição de apagar mas também com vistas a apagar seus “próprios” traços. Ela devora seu arquivo, antes mesmo de tê-lo produzido externamente.<sup>23</sup>

Essa ameaça de uma força que tende a fazer apagar, a fazer desaparecer as pegadas que o próprio arquivo buscaria reter está contida no brinquedo do bloco mágico freudiano, modelo exterior que sistematiza o funcionamento do aparelho psíquico após os múltiplos reviramentos provocados pela pulsão de morte na teoria psicanalítica. De modo paradigmático, é através e a partir desse brinquedo que o pensador franco-argelino afirma que a psicanálise tornou-se uma teoria do arquivo, não somente uma teoria da memória: “O modelo singular do bloco mágico incorpora também o que parecia contradizer”<sup>24</sup>. Essa contradição interna será nomeada por ele como *mal de arquivo*, e é justamente essa ameaça infinita de erradicação dos traços, uma possibilidade de esquecimento para além do recalque, que comporá o desejo do arquivo e, ao mesmo tempo, o desejo da memória, a permanência e a retenção e, fundamentalmente, a produção dos traços. É a produção de memória que dá ao arquivo

derridiano a sua conotação mais pulsante e inovadora, mais viva e pujante, um registro aberto ao porvir e a novas derivações, se afastando de um caráter meramente armazenador e estático.

Como seguiremos falando sobre os eventos traumáticos do passado, numa tentativa incessante de inscrevê-los no presente? Por fim, lembramos aqui um artista brasileiro que buscou fazer valer uma ética da memória traumática nacional, tal como acabamos de acompanhar com Derrida. Citamos o artista plástico Fernando Piola e a sua “Operação Tutoia” realizada entre 2007 e 2009. A obra consiste no plantio paulatino de espécies de folhagens vermelhas no 36º DP, localizado na rua Tutoia<sup>25</sup>, em São Paulo. Em agosto de 2007, o artista se apresentou como um agente da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo e solicitou autorização para cuidar do projeto paisagístico daquela delegacia de polícia. Ao longo de dois anos, a *operação* realizada por Piola se sustentou na transformação gradativa do jardim, criando ali um manto vermelho e resguardando a natureza de sua verdadeira intenção dos responsáveis pela instituição. As folhagens vermelhas que aos poucos se espalharam remetiam às violências sofridas no passado ditatorial naquele mesmo espaço, mas o artista aludia também à reatualização da violência no presente: mesmo tombado, o ex-DOI-Codi se mantém como uma delegacia de polícia e ainda não passou a ser reconfigurado como um lugar destinado à rememoração pública. A permissão do artista se estendeu até maio de 2009, quando o jardim sofreu uma significativa poda feita pela DP com o propósito de atenuar o monocromatismo do paisagismo implantado. Importante mencionar que temos acesso a essa obra apenas através das fotografias tiradas pelo próprio artista.

Na ausência quase completa de uma política de Estado que produza memoriais – ou seja,

»

*citamos o artista plástico  
Fernando Piola e a sua “Operação  
Tutoia” realizada entre 2007  
e 2009. A obra consiste no plantio  
paulatino de espécies de folhagens  
vermelhas no 36º DP, localizado  
na rua Tutoia, em São Paulo.*

novas inscrições e paisagens e, portanto, novas narrativas em uma tentativa de provocar imaginações inéditas a respeito do horror no contexto brasileiro – insistimos, com os subversivos, mas pequeninos e transitórios memoriais. A questão sobre a possibilidade de conseguirmos construir novos sentidos às violências engendradas no passado e no presente segue em suspenso e, por esse mesmo motivo, demanda de nós esforço teórico, clínico – e, também, artístico e político.

Inseridos que estamos em uma cultura repleta de cataclismas, que almeja a amnésia e os apagamentos – e, nos dias de hoje, especialmente, permeados pelos negacionismos de toda ordem – há uma ética que deve ser sustentada na busca por revelar, ao invés de ocultar, um passado traumático inquietante que segue produzindo, no interior da sociedade brasileira, efeitos deletérios e nocivos no presente e no futuro. Será essa revelação do passado, abarcada por seus inerentes paradoxos e impasses, que nos mobilizará a pensar e a produzir novas e infinitas produções teóricas, clínicas e estéticas.

23 J. Derrida, *op. cit.*, p. 21.

24 J. Derrida, *op. cit.*, p. 32.

25 Este local abrigou o principal centro de detenção e tortura de São Paulo entre 1970 e 1982, o DOI-Codi, no contexto da ditadura civil-militar brasileira.

## Referências bibliográficas

- Assmann A. (2016). *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. São Paulo: Unicamp.
- \_\_\_\_\_. (1967/2009). Freud e a cena da escritura. In *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, p. 289-338.
- Derrida J. (1995/2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume.
- Endo P. (2018). Freud, o inconsciente, a des-memória, a in-memória e os paradoxos do esquecimento, do sonho e do real de Auschwitz. *Percursos*, vol. xxx, n. 60, p. 77-87.
- Freud S. (1925/2011). Nota sobre o “bloco mágico”. In *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 267-274.
- \_\_\_\_\_. (1896/1986). Periodicidade e autoanálise (carta 52). In Masson J.M., *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904*. Rio de Janeiro, p. 208-216.
- \_\_\_\_\_. (1985/1996). Projeto para uma psicologia científica. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 1, p. 333-443.
- \_\_\_\_\_. (1914/2010). Recordar, repetir e elaborar. In *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia (“o caso Schreber”)*, artigos sobre técnica e outros textos. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 193-209.
- Piola F. (2014). Dez exercícios de aproximação/representação de SP. *Estação Pinacoteca*. Disponível em: <<https://pinacoteca.org.br/programacao/10-exercicios-de-aproximacao-representacao-de-sp/>>

## Between erasures and the production of memory in the cultural sphere: a fresh look upon Freud’s “Note upon the ‘Mystic writing-pad’”

**Abstract** The first part of our article is based on Freudian theories to explain the functioning of memory. We will work on the texts *Project for a scientific psychology* from 1895, *Letter 52* and *Note upon the “Mystic writing-pad”*, from 1925. In the last part of the article we discuss the inherent impasses of memory in the cultural sphere, absorbing some of the contributions of the philosopher Jacques Derrida.

**Keywords** intrapsychic memory; cultural memory; psychoanalysis; memorial; Derrida.

**Texto recebido:** 06/2022

**Aprovado:** 08/2023